

RETROSPECTIVA

A ESTRUTURA NA VARIAÇÃO: DO FALANTE-OUVINTE
REAL AO FALANTE-OUVINTE REAL(1)

Fernando TARALLO (Universidade Estadual de
Campinas)

ABSTRACT: In this paper I present an overview of labovian sociolinguistics from the classical study on Martha's Vineyard (1963) to two very recent studies focussing on the overestimation of functionalism (1987) and the limitations of context (1989) in linguistic analysis. Through this overview of the paradigm I argue that labovian sociolinguistics has been presenting over the past few years a major shift away from some of the main theoretical assumptions laid out in the 1960's. This new trend, as I argue based upon recent studies by Labov himself and his students, has made way for invariance as a main focus of analysis, i.e. invariance coupled up with variation, thus establishing that strictly structural forces may have a major role in resolving variation and in explaining invariance in language.

Where, finally, does linguistics stand as a science? Does it belong to the natural sciences, with biology, or to the social sciences?...Behind the apparent lawlessness of social phenomenon there is a regularity of configuration and tendency which is just

as real as the regularity of physical processes...though it is a regularity of infinitely less apparent rigidity and of another mode of apprehension on our part. Language is primarily a cultural or social product and must be understood as such. Its regularity and formal development rest on considerations of a biological and psychological nature to be sure. But this regularity and our underlying unconsciousness of its typical forms do not make linguistics a mere adjunct of either biology or psychology. (Sapir, 1929, The status of linguistics as a science, Language 5:207-14).

0. A guisa de introdução

Esta citação de Sapir, juntamente com tantas outras que igualmente poderiam ser recuperadas da literatura linguística, certamente subjaz a três grandes movimentos (ou programas de pesquisa) surgidos na década de 60: 1. A sociologia da linguagem, 2. A etnografia da fala e 3. A sociolinguística. E com tal tripartição, a associação a três nomes célebres na Linguística: Joshua Fishman, Dell Hymes e William Labov, respectivamente. Hymes (1974:433), por exemplo, enfatiza a diversidade da linguagem ao postular que "we start from the speech community conceived as an organization of diversity; we require concepts and methods that enable us to deal with that diversity, that organization". Fishman (1972:45), por sua vez, ratifica a inter-relação entre língua e sociedade, explicitando que "The sociology of language examines the interaction between these two aspects of

human behavior: use of language and the social organization of behavior" e ressaltando que "the sociology of language focuses upon the entire gamut of topics related to the social organization of language behavior, including not only language use per se but also language attitudes, overt behavior toward language and toward language users". Labov (1968, do clássico Weinreich, Labov e Herzog de 1968:100), ao estabelecer os fundamentos empíricos para uma teoria de mudança linguística, antecipa que "long before predictive theories of language change can be attempted, it will be necessary to learn to see language -whether from a diachronic or a synchronic vantage- as an object possessing orderly heterogeneity".

Estes três modelos posicionaram-se, à época, e dentro das sutis diferenças de um para outro, contra o modelo chomskiano, postulador da comunidade linguisticamente homogênea e do falante-ouvinte ideal, enfatizando *grosso modo* a variação e a diversidade linguística de um lado, e o falante-ouvinte real (com letras minúsculas) de outro. A novidade dessas três empresas relacionadas entre si frente ao racionalismo chomskiano era ainda forte e decisivamente alertada em duas outras passagens, uma de Hymes e outra de Labov. Hymes (1974:433) alertava o leitor/pesquisador da linguagem para os perigos do paradigma vigente à época: "The great stumbling block is that the kinds of organization most developed by linguists presuppose the grammar as their frame of reference. Since its invention in classical antiquity, the grammar has been dominated by association with analysis of a single, more or less, homogeneous norm". E Labov (1972:xiii), no célebre parágrafo de abertura ao também clássico *Sociolinguistic Patterns*,

esclarecia a figura do falante-ouvinte real: "I have resisted the term *sociolinguistics* for many years, since it implies that there can be a successful linguistic theory or practice which is not social. When I first published the study of Martha's Vineyard and New York City that form the basis of the first part of this book, it seemed necessary to make that point again and again. In spite of a considerable amount of sociolinguistic activity, a socially realistic linguistics seemed a remote prospect in the 1960's. The great majority of linguists had resolutely turned to the contemplation of their own idiolects. We have not yet emerged from the shadow of our intuitions, but it no longer seems necessary to argue about what is or is not linguistics. There is a growing realization that the basis of intersubjective knowledge in linguistics may be found in speech -language as it is used in everyday life by members of the social order, that vehicle of communication in which they argue with their wives, joke with their friends, and deceive their enemies".

Assim, a postulação básica deste momento a que vimos nos referindo, é o *falante-ouvinte real*, com *r* minúsculo. E a linguística deveria encarar a linguagem como produto social ou cultural nas palavras de Sapir; deveria descrever, ou de um ponto-de-vista interacionista (Cf. Fishman), ou etnográfico (Cf. Hymes) ou sociolinguístico-co-relacional (Cf. Labov), a ordem na desordem, enfim: *a estrutura na variação*. Ou seja: posto sumariamente, a linguística deveria deixar de privilegiar a invariância e procurar resgatar a variação sistemática. Segundo palavras de Weinreich, Labov e Herzog (1968:101), "The solution lies in the direction of breaking down the identification of structuredness with homogeneity. The key

to a rational conception of language change -indeed, of language itself(2)- is the possibility of describing orderly differentiation in a language serving a community. We will argue that nativelylike command of heterogeneous structures is not a matter of mutidialectalism or "mere" performance, but is part of unilingual linguistic competence. One of the corollaries of our approach is that in a language serving a complex (i.e. real) community, it is absence of structured heterogeneity that would be dysfunctional".

A linguística deveria, pois, continuar sua busca de um algoritmo explanatório, mas no real, no dado empírico. A postulação da variação inerente à estrutura das línguas substituí, assim, o conteúdo e o conceito de variação livre utilizado por outros modelos e quadros teóricos. Destes três modelos, ou destas três posturas críticas ao gerativismo chomskiano, é o de Labov o que daquele menos se distancia. Cumpre lembrar que o conceito de regra variável defendido pelo modelo laboviano é inspirado na fonologia gerativa, na célebre bipartição chomskiana entre regras obrigatórias e facultativas. Neste contexto, é bastante ilustrativo remeter o leitor para o clássico texto de Labov (1969, Contraction, deletion and inherent variability of the English copula, publicado na revista Language 45:715-762), artigo em que se combinam os métodos e conceitos da gramática gerativa e da fonologia com técnicas da análise quantitativa da variação. A partir deste momento no presente trabalho, então, será examinada a evolução do modelo laboviano no que tange ao tratamento da questão da *estrutura na variação*.

1. A estrutura na variação: o algoritmo sociolinguístico

Segundo o programa de pesquisa adiantado em Weinreich, Labov e Herzog (1968), o algoritmo explanatório da *estrutura na variação* deveria ser buscado em cinco grandes frentes: 1. os fatores condicionadores (*constraints*, isto é: que conjunto de possíveis mudanças e possíveis condições para mudanças podem ocorrer em uma estrutura de um determinado tipo?) com seu desdobramento teórico em fatores de ordem social e de ordem linguística; 2. o encaixamento (*embedding*, isto é: como as mudanças observadas se encaixam na matriz dos concomitantes linguísticos e extra-linguísticos das formas em questão? Que outras mudanças estão associadas às dadas mudanças de uma maneira que não pode ser atribuída ao acaso?), também subdividido em social e linguístico; 3. a avaliação (*evaluation*, isto é: como as mudanças observadas podem ser avaliadas nos termos de seus possíveis efeitos sobre a estrutura linguística, sobre a eficiência comunicativa, e sobre um amplo leque de fatores não representacionais envolvidos na fala?), também com sua bipartição teórica em social e linguística; 4. a transição (*transition*, isto é: quais mudanças intermediárias podem ser observadas ou devem ser postuladas entre quaisquer duas formas de uma língua definida para uma comunidade de fala em diferentes momentos), e 5. a implementação (*actuation*, segundo os próprios autores, o coração da matéria: que fatores são responsáveis pela implementação das mudanças? Por que mudanças em um traço estrutural acontecem em uma língua determinada em um dado momento, mas não em outras línguas com o mesmo traço, ou na mesma língua em outros momentos?).

Veamos três exemplos de como a(s) resposta(s) a estas perguntas do programa de pesquisa produz(em) algoritmos linguístico-sociais ou sociolinguísticos. Nas tabelas 1 a 5 são apresentados resultados sobre a centralização dos ditongos (ay) e (aw) em Martha's Vineyard (Labov: 1963)(3).

Tabela 1: Centralização de (ay) e (aw) por faixa etária

Idade	(ay)	(aw)
75-	25	22
61-75	35	37
46-60	62	44
31-45	81	88
14-30	37	46

Tabela 2: Distribuição geográfica da centralização

	(ay)	(aw)
<i>Down-island</i>	35	33
Edgartown	48	55
Oak Bluffs	33	10
Vineyard Haven	24	33
<i>Up-island</i>	61	66
Oak Bluffs	71	99
N.Tisbury	35	13
West Tisbury	51	51
Chilmark	100	81
Gay Head	51	81

Tabela 3: Centralização por ocupação

	(ay)	(aw)
Fishermen	100	79
Farmers	32	22
Others	41	57

Tabela 4: Centralização por grupos étnicos

	English		Portuguese		Indian	
Faixa etária	(ay)	(aw)	(ay)	(aw)	(ay)	(aw)
Over 60	36	34	26	26	32	40
46 to 60	85	63	37	59	71	100
31 to 45	108	109	73	83	80	133
Under 30	35	31	34	52	47	88
All ages	67	60	42	54	56	90

Cumprе ressaltar que quanto mais alto o número, maior a frequência de centralização. Observe-se que a faixa etária nos apresenta o grupo de 31 a 45, destacado em negrito na tabela 1, como forte centralizador. Similarmente, a tabela 2 apresenta a parte alta da ilha e, em especial, a comunidade de Chilmark como grande centralizadora; e a tabela 3 elenca os pescadores como grupo centralizador. A tabela 4 confirma os resultados da tabela 1 sobre a faixa etária dos 31 aos 45 anos, mas acrescenta um elemento novo: a centralização não distingue grupos étnicos. Finalmente, a tabela 5 a seguir apresenta o grande algoritmo sociolinguístico responsável pelo fenômeno da

centralização em Martha's Vineyard: a ocupação dos informantes. Conforme a tabela 5 bem o indica, independentemente da origem geográfica ou da faixa etária, o fato de ser pescador propicia uma centralização mais frequente dos ditongos (ay) e (aw).

Tabela 5: Cruzando fatores e resultados. Faixa etária, distribuição geográfica e ocupação.

	(ay)	(aw)
Chilmark, pescador, 60 anos	170	111
Chilmark, pescador, 31 anos	165	211
Chilmark, pescador, 55 anos	150	124
Edgartown, pescador, 61 anos	143	107
Chilmark, pescador, 33 anos	133	79
Edgartown, pescador, 52 anos	131	131

Um segundo exemplo de co-relação entre o social e o linguístico, igualmente clássico na literatura da área, é a variável (r) na cidade de Nova Iorque, estudada em Labov (1966). A figura 1 a seguir apresenta dados percentuais sobre a presença do (r) segundo grupo sócio-econômico no estilo tipo B (isto é: cuidadoso) e faixa etária. Observe-se que são os jovens da classe média-alta (20 a 29 anos em UMC, upper-middle class) e os mais velhos da classe média-baixa (acima de 40 anos em LMC, lower-middle class) que implementam a presença do (r) como marca de prestígio no dialeto novaiorquino. Já os informantes da classe trabalhadora (WC, working-class), independentemente da faixa etária, quase não utilizam a variante (r), marcando o estigma via ausência do segmento em questão. Tais resultados aparecem re-

confirmados na figura 2 que apresenta os resultados de um estudo piloto realizado por Labov junto às lojas de departamentos: Saks (média-alta), Macy's (média-baixa) e S. Klein (trabalhadora). Observe-se que os resultados apresentados na figura 1 são simetricamente paralelos aos explicitados na figura 2, assim confirmando a co-relação entre o uso linguístico e a organização social da comunidade.

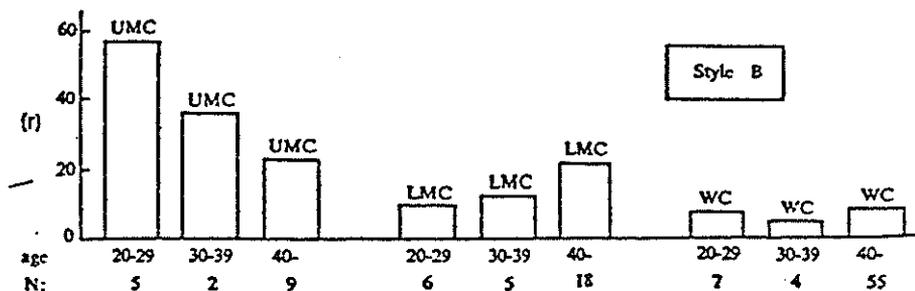


Figura 1: Percentagem de uso de (r) segundo classe sócio-econômica

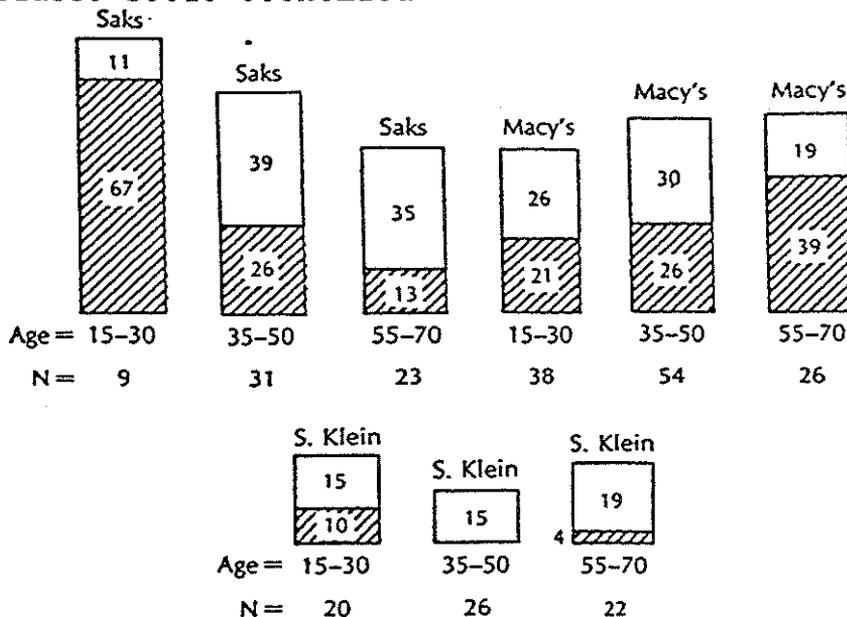


Figura 2: Percentagem de uso de (r) nas lojas de departamento

Um terceiro exemplo que resgataremos da literatura especializada da área, é o apresentado por Sankoff (1974) sobre a elisão do segment (l) no francês canadense. A tabela 6 a seguir apresenta dois condicionamentos estruturais para a presença vs. a ausência de (l): o contexto fonológico seguinte e a categoria gramatical do pronome em questão.

Tabela 6: Apagamento de (l) em il para 6 montrealenses, segundo categoria gramatical e contexto fonológico seguinte

Formas	Contexto	
	/ _____ (-sil.)	/ _____ (+sil.)
il impessoal	97.2% (516)	69.9% (13)
il pessoal	80.6% (139)	56.3% (183)

Considerando-se somente o condicionamento fonológico, (l) seguido por consoante (-silábico) vs. por vogal (+silábico), em casos como *il fait/i fait* e *il est/i est*, a percentagem de apagamento apontada pelos dados revelava 93.7% para (l) seguido de consoante contra 57.1% para (l) seguido de vogal. A tabela 6, ao acrescentar mais uma dimensão estrutural do condicionamento, a categoria gramatical, aumenta as percentagens para o *il* impessoal que, no caso de ser seguido de consoante, já se encontra no limiar do categórico para o apagamento. Isto significa que para o *il* impessoal pouco espaço restaria para um condicionamento social. A busca do algoritmo sociolinguístico co-relacional, entretanto, impelia os

pesquisadores a explicitá-lo. A tabela 7 a seguir apresenta o cruzamento de oito formas em que o (l) aparece com 4 grupos sócio-econômicos. Observe-se que as percentagens aumentam de baixo para cima (com o *il* impessoal no topo da tabela) e da esquerda para a direita, realçando o papel mais conservador das mulheres na variação e na mudança linguísticas.

Tabela 7: Apagamento de (l) por grupo ocupacional e sexo, para 16 indivíduos (4 por subgrupo) e 8 formas

Form	Professional		Working class	
	Women	Men	Women	Men
<i>il</i> (impersonal)	94.7%	98.5%	100.0%	99.4%
<i>ils</i>	67.7%	88.4%	100.0%	100.0%
<i>il</i> (personal)	54.0%	90.0%	100.0%	100.0%
<i>elle</i>	29.8%	29.7%	74.6%	96.4%
<i>les</i> (pronoun)	16.0%	25.0%	50.0%	78.1%
<i>la</i> (article)	3.8%	15.7%	44.7%	49.2%
<i>la</i> (pronoun)	0.0%	28.5%	33.3%	50.0%
<i>les</i> (article)	5.4%	13.1%	21.7%	34.6%

Muitos outros exemplos poderiam ainda ser apresentados, mas vamos nos limitar a estes três exemplos clássicos da literatura sociolinguística. A título de conclusão sobre o algoritmo sociolinguístico, entretanto, apresentaremos alguns decalques que a literatura postula como algoritmos explanatórios da *estrutura na variação e na mudança linguísticas*, uma espécie de saber acumulado via o grande volume de trabalho realizado sobre o inglês, o francês, o espanhol e o português (4).

A figura 3 apresenta uma curva normal invertida que sugere claramente a supressão de um traço estigmatizado por parte dos grupos sociais intermediários. As crianças e os velhos têm comportamentos semelhantes nos dois grupos sociais referendados, A e B. A comparação dos grupos A (menos) e B (mais escolarizado) sugere que a escolaridade é um fator condicionador decisivo e que o traço em questão é um estereótipo linguístico. Se o fenômeno estudado estiver em curso, trata-se então de mudança de cima para baixo por envolver a supressão de um traço ou variante.

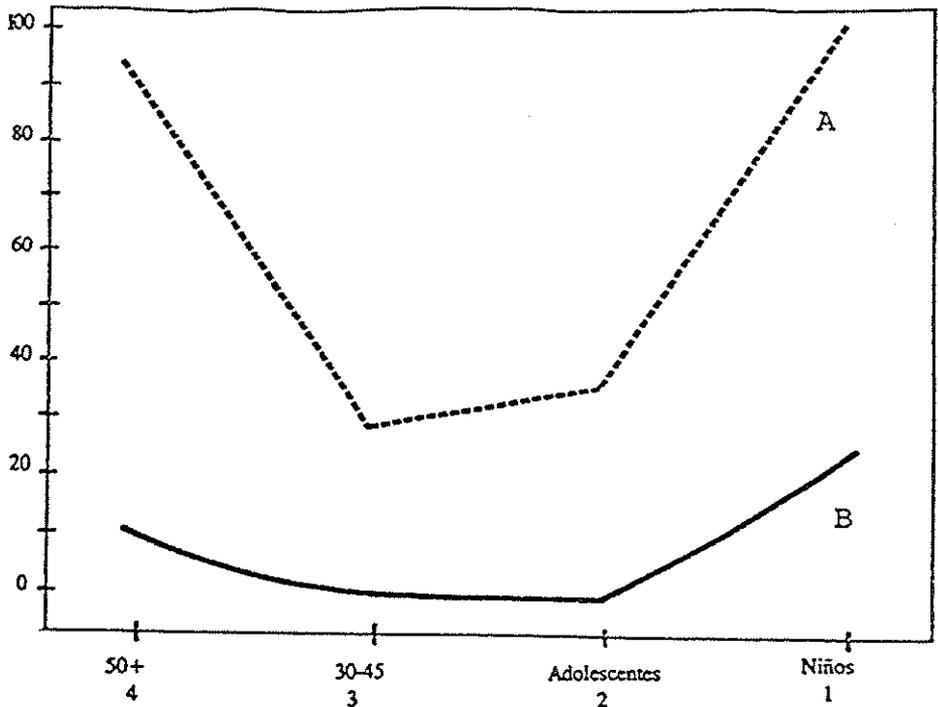


Figura 3

A figura 4 apresenta uma situação invertida à da figura 3. Trata-se da situação típica de mudança em progresso/curso, pois, independentemente da escolaridade (comparem-se os grupos A e B, menos e mais escolarizados respectivamente), as faixas etárias intermediárias implementam a variante inovadora.

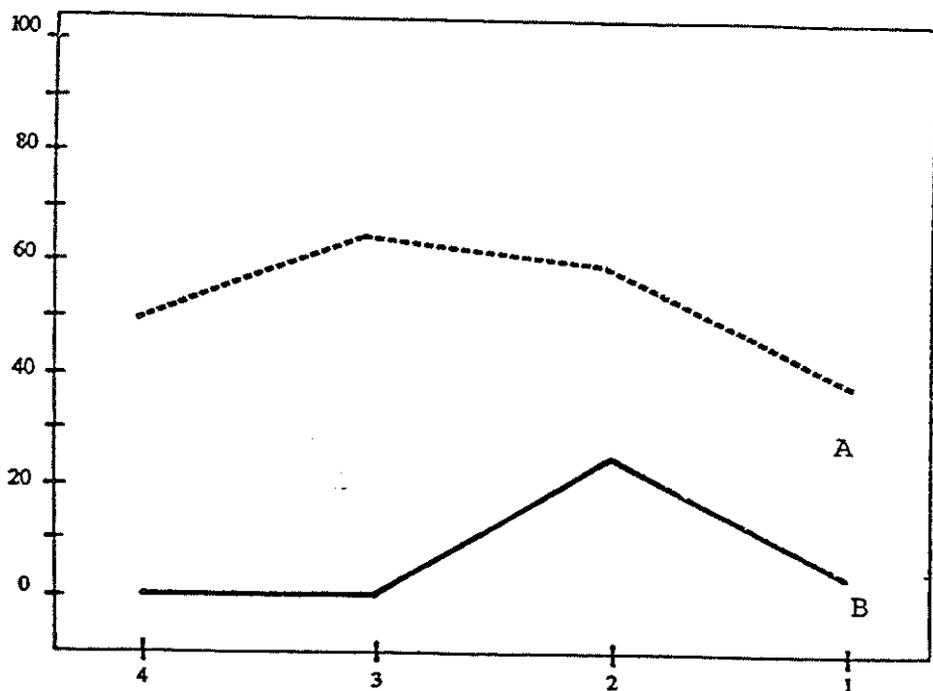


Figura 4

A co-relação com faixas etárias diferentes, conforme representada na figura 4, não é, contudo, o único tipo de informação sincrônica relevante. As variáveis linguísticas mostram certos perfis de

distribuição segundo: sexo, estilo e grupo sócio-econômico que podem estar estreitamente relacionados com as diferentes etapas de difusão de uma variação ou mudança. A figura 5 apresenta uma variável sociolinguística estável na comunidade, pois há co-relações regulares com grupo sócio-econômico de tal maneira que a frequência de uso da variável estratifica os falantes em grupos sociais claramente diferenciados (CB=classe baixa; CM=classe média). A variável ainda sofre a influência do estilo de fala (EC=estilo casual; EF=estilo formal; EL=estilo de leitura). A estas diferenças de grupo sócio-econômico e de estilo juntam-se ainda diferenças entre os sexos, as mulheres sendo mais conservadoras na implementação da mudança. As reações subjetivas dos informantes neste caso também são uniformes e estáveis: os membros dos diferentes grupos sociais estigmatizam as formas de menor prestígio e se auto-corrigem na fala espontânea em direção à variante de maior prestígio na comunidade.

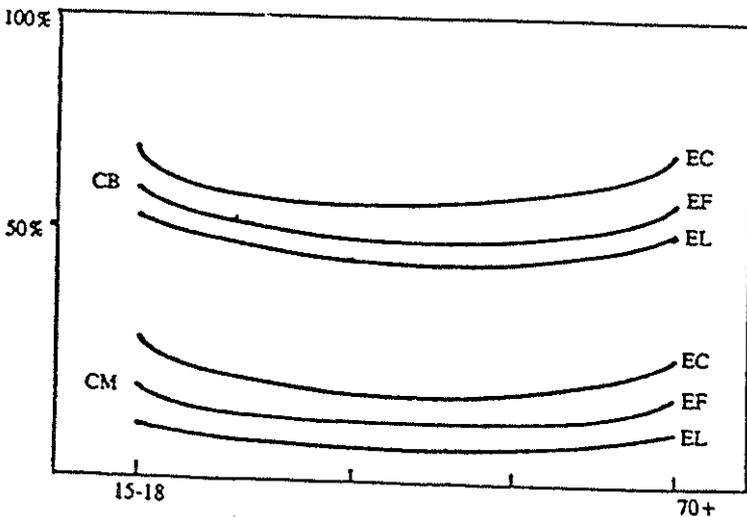


Figura 5

As etapas iniciais e intermediárias da mudança linguística encontram-se delineadas na figura 6 a seguir. Nesta situação a variável co-varia com grupo sócio-econômico, faixa etária e sexo, mas não estilo: os falantes não possuem consciência do traço em variação e/ou mudança. A co-variação associa-se a uma distribuição curvilínea que mostra que os falantes-cabeças do processo de mudança pertencem a grupos sociais intermediários (classe média-baixa, por exemplo) e a faixa etária dos 15 aos 40 anos.

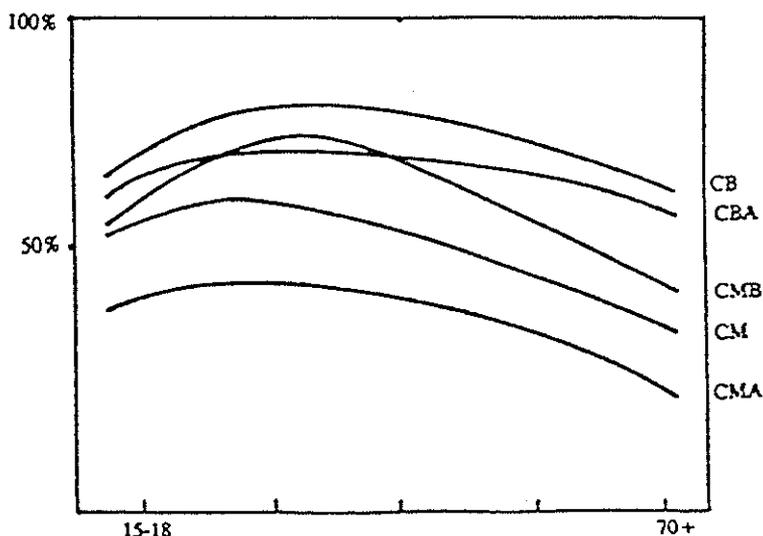


Figura 6

A figura 7, por fim, representa a etapa final da mudança em progresso. Neste caso os falantes geralmente têm conhecimento/consciência da mudança em questão, expressando o padrão em forma/curva de S o fato que nas etapas iniciais e intermediárias certas variantes e grupos sociais avançam mais rapidamente que outros.

Uma decorrência deste estágio da mudança é o caso da hiper-correção, diagramado com um exemplo da variável (r) em Nova Iorque (Labov:1966) na figura 8.

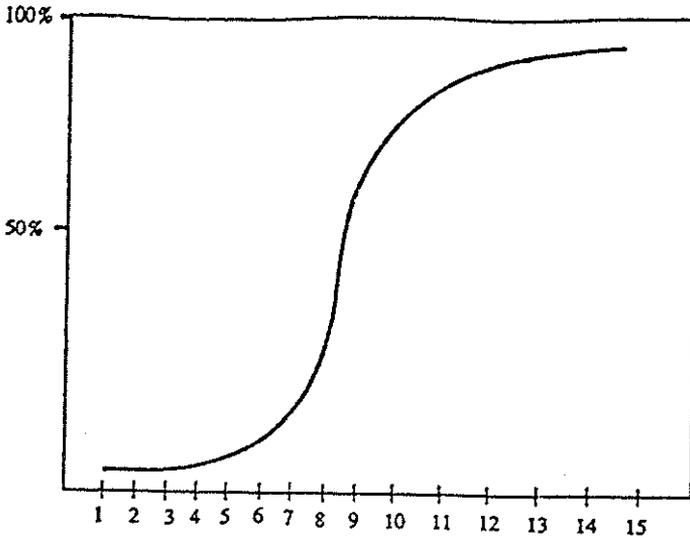


Figura 7

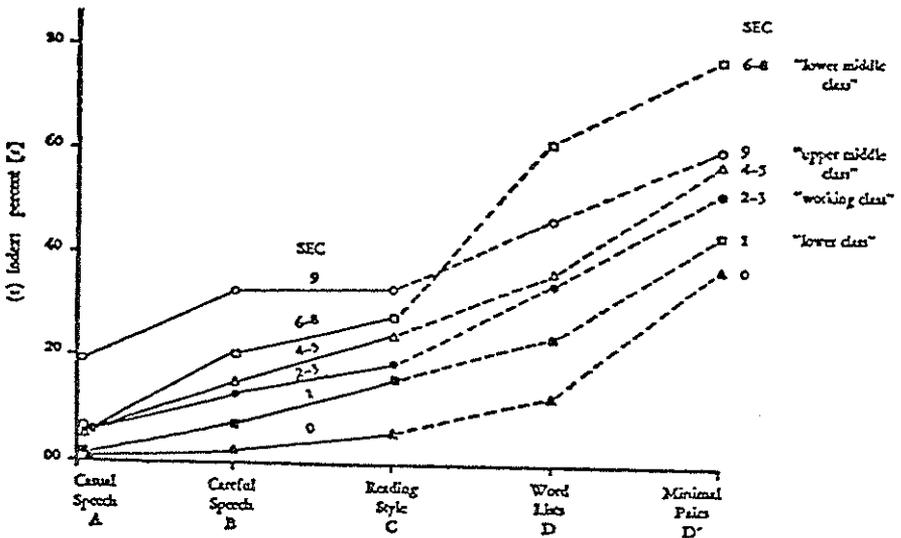


Figura 8

Para finalizar esta parte: dos cinco problemas que a sociolinguística laboviana se coloca com relação ao resgate da *estrutura na variação/mudança*, vimos até este ponto de que maneira certos fatores estruturantes do sistema social intervêm no condicionamento, transição, implementação e avaliação das variáveis. Apresentaremos na próxima seção alguns contra-exemplos a este perfeito acasalamento entre o linguístico e o social.

2. A estrutura na variação: o algoritmo linguístico

Se procurarmos delinear o percurso histórico do programa laboviano de pesquisa, alguns marcos devem ser lembrados. Ou seja: o programa quantitativo (co-relacional) desenvolveu-se basicamente ao longo da seguinte dimensão:

1963 marca o início do programa com o clássico estudo sobre a centralização de ditongos em Martha's Vineyard; 1966 traz o estudo sociolinguístico da comunidade novaiorquina; 1969, conforme já adiantado na introdução a este trabalho, marca a primeira tentativa de aplicação das técnicas de quantificação sobre um modelo gerativo em fonologia; 1974 é sinônimo do primeiro momento do programa da regra variável, conhecido na literatura como VARBRUL2, através de uma publicação de Henrietta Cedergren e David Sankoff na revista *Language* 50:333-355, intitulado: *Variable rules: Performance as a statistical reflection of competence*.

O final dos anos setenta marca o início de duas grandes querelas. A primeira, nos anos 1977 e 1978, entre Beatriz Lavandera e William Labov, coloca em discussão a própria definição e conceituação de variável

linguística. Embora muito importante para o posterior desenvolvimento do programa laboviano de pesquisa, esta controvérsia não será discutida pois foge aos limites do presente trabalho. Já a controvérsia seguinte, chamada na literatura de polêmica Kay-McDaniel, interessa-nos mais de perto no momento.

Esta segunda polêmica desenvolveu-se nos anos 1979, 1980 e 1981, com três publicações importantes: Kay e McDaniel, 1979, *On the logic of variable rules*, *Language in Society* 8:151-187; D.Sankoff e Labov, 1980, *On the uses of variable rules*, *Language in Society* 8:189-222; e Kay e McDaniel, 1981, *On the meaning of variable rules: Discussion*, *Language in Society* 10:252-258. Não nos alongaremos na recuperação desta importante controvérsia da literatura da área, mas resgataremos algumas das principais críticas feitas por Kay e McDaniel ao programa quantitativo da regra variável.

Em primeiro lugar, os dois autores procuraram demonstrar a incompatibilidade latente entre o programa laboviano e o paradigma gerativista, o primeiro trabalhando com *tokens* e o segundo, com *types*, o que inviabilizaria a tentativa de Labov de construir com a regra variável um modelo de análise próximo ao da competência linguística. Uma segunda crítica feita por Kay e McDaniel diz respeito ao estatuto psicológico da regra variável, ou seja: como trabalhar com um modelo de competência linguística probabilisticamente regida? Se as regras variáveis são empregadas como uma técnica para representar uma suposta *gramática supra-individual*, seria inevitável, aos níveis teórico e metodológico, assumir-se que os condicionamentos sociais e linguísticos são uniformes. Ou seja: se não se assume que as restrições linguísticas são

compartilhadas por todos os membros da comunidade, então de duas uma: (1) ou a noção de gramática de comunidade precisa ser revista ou (2) o estudo potencial das regras variáveis na comunidade se limitaria a uma regra individual para cada falante.

A réplica de D. Sankoff e Labov de 1980 ficou a nível meramente matemático e na tréplica de Kay e McDaniel de 1981, os dois críticos se limitaram a dizer na conclusão de seu trabalho que: "In our view, empirical students of language variation have amassed a large number of highly patterned observations and an excellent method for their statistical description; *at the theoretical level the field is still waiting for its formulation* (1981:257, ênfase acrescida).

O paulatino distanciamento do social em relação ao linguístico -e, neste sentido, a resposta direta a Kay e McDaniel- fortalecer-se-ia, porém, nos trabalhos seguintes de Labov, à medida que novos resultados de pesquisa (bem como a re-interpretação de resultados já apreciados anteriormente na literatura) eram incorporados em sua reflexão. Já no trabalho de 1982, por exemplo, o autor afirma: "There may be universals of language change, independent of historical conditions. Many theories of language change are devoted entirely to the search for them. But we will see that if such ahistorical generalizations exist, they are rare" (Labov:1982:21).

No trabalho de 1984, curiosamente intitulado *The interpretation of zeroes*, Labov discute a questão do apagamento de segmentos e o compromisso da estrutura linguística com a hipótese funcionalista. Assim, segundo o autor, se o cancelamento de um segmento, como por exemplo o caso da variável (t,d) em inglês, não provocar

prejuízo funcional ao sistema, então certas garantias (sistêmicas) podem ser previstas: 1. condicionamento fonológico; 2. ausência de hiper-correção; 3. distribuição uniforme na comunidade; 4. condicionamento estilístico; 5. alto grau de aprendizagem; e finalmente, 6. integração na gramática enquanto sistema. A figura 9, a seguir, ilustra este caso em que o cancelamento de um segmento fônico com carga gramatical não compromete o funcionamento do sistema. Observe-se que a gramática do grupo aparece refletida nas gramáticas individuais, ou seja: as diferenças entre o comportamento dos falantes são de natureza quantitativa e não qualitativa, não configurando várias gramáticas, uma para cada indivíduo, mas uma só, comum ao grupo.

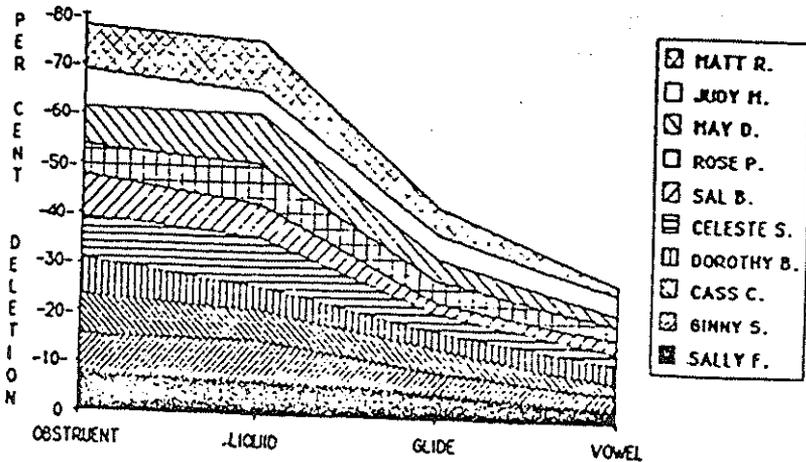


Figura 9

Uma situação diferente, ou seja: duas gramáticas ao invés de uma, é apresentada na figura 10 a seguir. Observe-se que, considerando-se diferentes tipos de contato inter-étnico entre pretos e brancos, a variável (t,d) configura uma só gramática para os quatro grupos considerados. As duas outras variáveis analisadas, o cancelamento do (s) de terceira pessoa do singular e do genitivo, entretanto, configuram uma gramática para os brancos de um lado, e uma outra gramática para os pretos, com seus diversos matizes de contato com o grupo étnico branco.

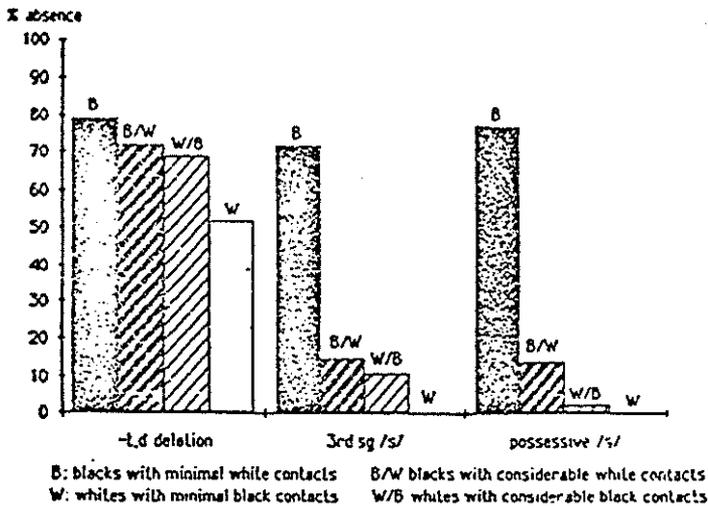


Figura 10

A emergência deste novo tipo de situação abre espaço, por exemplo, para que a nova gramática diferentemente re-interprete a inserção do segmento cancelado. Assim, a figura 11 apresenta cinco informantes negros

que usam a re-inserção do (s) no sistema como um típico marcador de narrativa.



Figura 11

Conforme se vê, toda a preocupação de Labov nestes últimos trabalhos concentra-se em torno da hipótese funcionalista, da eficiência comunicativa e da existência de uma ou duas gramáticas qualitativamente diferenciadas dentro das comunidades: reflexões que, indubitavelmente, apontam em direção às críticas levantadas por Kay e McDaniel na polêmica de 1979. Fundamentalmente, porém, a reflexão de Labov se desenvolve em torno do componente avaliativo em seu lado funcionalista, ou seja: muitos dos resultados de pesquisa concluíram sobre a inadequação da hipótese funcionalista como algoritmo explanatório para os casos de variação e mudança. A resposta definitiva a Kay e McDaniel, pois,

viria somente em 1987 no texto *The overestimation of functionalism*, em que o autor claramente defende a possibilidade de o linguístico prevalecer sobre o social: "One might expect that work on the language in its social context would fall into the functional camp (...). Yet over the past few years I have become increasingly doubtful of functional arguments for a number of reasons. Close examination of quantitative evidence on the use of language tends to support position (b) above more often than not" E qual seria esta posição (b)? Nada mais, nada menos do que: "*syntax is autonomous and can be studied apart from semantics; the contrastive function of sounds does not determine the phonological system and can be suspended for some period of time without disrupting the system*" (Labov 1987:313, minha ênfase).

Os argumentos contra a hipótese funcionalista citados no artigo de 1987 retomam, entre outras, a célebre variável (s) em espanhol: em sintagmas nominais com dois elementos, a probabilidade de apagamento do segmento nos resultados de Poplack (1979) é maior no segundo elemento se o segmento estiver apagado no primeiro (.73 contra .68); a mesma situação é verificada nos sintagmas com três elementos. Similarmente, no estudo sobre as passivas realizado por Labov e Weiner (1983), é o paralelismo da estrutura sintática (.62 contra .38 para as estruturas não paralelas) e não o estatuto informacional do referente (probabilidades limítrofes em .54 para 'dado' e .46 para 'novo') que determina o uso da passiva. Tais resultados são re-interpretados no trabalho de 1987 como notadamente contra-funcionais e, como tal, re-afirmam a posição sobre a autonomia da sintaxe e da soberania do algoritmo estritamente linguístico. Resultados, pois, como os apresentados por Sankoff (tabela 7 do

presente trabalho) sobre o cancelamento do (1) no *il impessoal* sofrem necessariamente re-interpretações uma vez que não há, no caso em questão, qualquer espaço para um condicionamento que não seja linguístico.

3. Posfaciando

A virada mais brusca do modelo avulta em um dos últimos textos de Labov (1989:1) em que o autor, ao tratar dos limites do contexto, explicitamente esclarece seu leitor/pesquisador: "In one way or another, every linguistic analysis is concerned with the effect of context on linguistic form.(...) *The view that I will present here is that of a language faculty somewhat more constrained by its structure and more mechanical in its operation*" (minha ênfase).

E como fica a questão da *estrutura na variação*? Do mesmo modo: só que se abre espaço para o linguístico desempenhar um papel maior e o contextual (o social, por exemplo), conseqüentemente, um menor, contrariando, assim, à famosa citação de Sapir com que o presente trabalho foi aberto. Chega-se, desse modo, a uma leitura algorítmica dos resultados de uso do falante real, ou seja: à representação da gramática em uso do *Falante-Ouvinte Real* (com *r* maiúsculo), independentemente do contexto e de condicionamentos externos. Assim, o espaço da variação volta a se abrir novamente (e também) para a invariância.

Essa abertura da sociolinguística laboviana, contemplando simultaneamente a variação e a invariância, a distanciou ainda mais dos outros dois modelos, a sociologia da linguagem e a etnografia da fala, filhas diretas (assim como a laboviana) da citação de Sapir. A relutância de Fishman em aceitar

a invariância e a necessidade de um construto algorítmico fez com que a sociologia da linguagem se direcionasse necessariamente para a análise da conversação, programa este inspirado em grande parte pelo trabalho pioneiro em atos de fala de Austin e Searle e pela sociologia interacionista de Goffman; a etnografia da fala de Hymes, por outro lado, em meio ao ceticismo teórico em que se enrodilhou, não teria nunca como saldar uma dívida como a que Labov contraiu com Kay e McDaniel nos idos de 1979.

Resta, pois, fechar o trabalho. Como a introdução foi feita via citação, o fecho deste trabalho retoma uma passagem de Katz (1981, Language and other abstract objects), das mais oportunas: "Physicists like things that don't exist but can be handled mathematically more than things that do exist but can't".

NOTAS

(1) Este artigo parcialmente reproduz a conferência dada em 6 de dezembro de 1989 no Departamento de Linguística da UNICAMP, frente à comissão julgadora composta pelos professores Dra. Claudia T.G. de Lemos (UNICAMP, presidente da banca), Dr. Carlos Franchi (UNICAMP), Dr. Dino Preti (USP), Dra. Leila Barbara (PUC-SP) e Dr. Paulino Vandresen (UFSC), como componente da prova didática referente ao Concurso de Livre-Docência em Sociolinguística realizado pelo autor.

(2) Neste trabalho qualquer comentário referente à variação linguística implica semelhança de consequências e decorrências para a mudança linguística, conforme bem o

alertam o texto e a passagem de Weinreich, Labov e Herzog (1968:101)

(3) A numeração das tabelas e das figuras não segue a dos originais.

(4) As figuras 3 a 7 foram retiradas de Silva-Corvalán, Carmem (1989), Sociolinguística. Teoría y Análisis. Madrid: Alhambra.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- FISHMAN, Joshua A. (1972) The Sociology of Language. In: Pier Paolo Giglioli (ed.), Language and Social Context. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 45-58.
- HYMES, Dell (1974) Ways of Speaking. In: R. Bauman e Joel Sherzer (eds.), Explorations in the Ethnography of Speaking. Cambridge: Cambridge University Press, 433-451.
- LABOV, William (1989) The limitations of context. Evidence from misunderstanding in Chicago. Mimeo.
- _____ (1987) The overestimation of functionalism. In: R. Dirven e V. Fried (eds.), Functionalism in Linguistics. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 311-32.
- _____ (1984) (1987). The interpretation of zeroes. In: W.U. Dressler et alii (eds.), Phonologica 1984. Proceedings of the Fifth International Phonology Meeting, Eisenstadt. London: Cambridge University Press, 135-156.
- _____ (1982) Building on empirical foundations. In: W. Lehmann e Y. Malkiel (eds.), Perspectives on Historical

Linguistics. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 17-92.

_____ (1972) Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

_____ (1966) The Social Stratification of English in New York City. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics.

_____ (1963) The social motivation of a sound change. *Word* 19:273-309.

_____ e Weiner, Judith (1983) Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics* 19 (1):29-58.

POPLACK, Shana (1979) Function and Process in a Variable Phonology. University of Pennsylvania: PhD dissertation.

SANKOFF, Gillian (1974) A quantitative paradigm for the study of communicative competence. In: R. Bauman e J. Sherzer (eds.), *Explorations in the Ethnography of Speaking*. Cambridge: Cambridge University Press, 18-49.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin (1968) Empirical foundations for a theory of language change. In: W. Lehmann e Y. Malkiel (eds.), *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 97-195.